

TEODORO SAMPAIO, O CIENTISTA E A QUESTÃO RACIAL

Jacqueline Melo de Souza

Universidade Estadual de Feira de Santana

José Carlos Barreto de Santana

Orientador

Esta proposta de trabalho se insere na linha de pesquisa HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS NO BRASIL COM ÊNFASE NA BAHIA (Aprovação CONSEPE 49/99 de 8/7/1999) do Departamento de Exatas da UEFS. Tal projeto vem se desenvolvendo dentro de novas perspectivas teórico-metodológicas para a História das Ciências, pautando-se pela ampliação do conceito de ciência. Considerando sua dinâmica de produção, tal como foi elaborada, adquirir significado a partir de práticas, valores e métodos partilhados e socialmente reconhecidos. Supera não apenas uma análise baseada nas formas de ciência européia pautada num prisma teleológico de “descobertas e resultados”, mas que inclua uma discussão sobre as características, os fatores determinantes, condicionantes e limitantes do processo de adaptação de determinada cultura científica, pois que ocorre num contexto histórico distinto daquele onde foi originada (Figueirôa, 2000).

De acordo com estes parâmetros, o estudo sobre personagens e instituições que marcaram o período (1850-1940) faz-se necessário, uma vez que “ (...) não só existiu atividade científica no Brasil no século XIX, no âmbito das Ciências Naturais, como também quantidade, qualidade e continuidade de suas manifestações superaram as expectativas” (Lopes,1997, p. 323). É a possibilidade de estudar um grande cientista brasileiro, com uma história bem pouco comum aos padrões estabelecidos pelo cientificismo, em meados do século XIX, que se desenvolve o estudo sobre a figura de Teodoro Fernandes Sampaio.

Nascido no antigo distrito de Santo Amaro, Bahia, filho de escrava com um padre conforme as pesquisas de Lima (1981) e autobiografia (Pierson, 1971), Teodoro Sampaio foi levado para estudar no Colégio São Salvador no Estado do Rio de Janeiro, aos nove anos de idade pelo padre Manoel Fernandes Sampaio, seu genitor. Tornou-se um excelente estudante de engenharia da Escola Central, que depois passou a se chamar Escola Politécnica, onde tem os primeiros contatos com a atividade científica/tecnológica e política do país, através de mestres como André Rebouças e Saldanha da Gama.

Num período de intensas transformações sociais como a proclamação da República, o processo de luta pela abolição dos escravos, e de mudanças nos paradigmas científicos, Teodoro

Sampaio, “homem de cor” (Pierson,1971), teve que enfrentar a discriminação racial ainda no início de sua carreira. Designado para fazer parte da Comissão Hidráulica, composta por americanos, sua cor quase impediu a nomeação, porém convocado, obteve destaque nos trabalhos que realizou sobre o Rio São Francisco e a Chapada Diamantina, que resultaram em um livro. Exímio desenhista, extremamente organizado, metucioso em seus estudos, Sampaio trabalhou ainda como 1º Engenheiro da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, Engenheiro Sanitário, diretor técnico da Companhia cantareira e Chefe da Repartição de Águas e Esgotos, foi também o responsável pela modernização do saneamento urbano na Bahia no início do século XX.

Paralelamente ao seu trabalho, Teodoro possuía inúmeras inquietações intelectuais, que o levaram a realizar diversos estudos sobre os índios brasileiros e sua língua, posteriormente publicados como “O Tupi na Geografia Nacional” (1901). Seus conhecimentos sobre História do Brasil renderam-lhe reconhecimentos por parte de estudiosos como Gilberto Freyre. Não satisfeito em realizar apenas estudos sobre o passado histórico brasileiro e a geografia nacional, auxiliou na fundação de Sociedades como o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, além de ser membro efetivo de diversos Institutos espalhados pelo Brasil e ser editor, por um breve período, de um periódico – *Jornal da Bahia* (07/1925).

Teodoro viveu num período de criação e modernização de instituições que são permeadas por correntes científicas – evolucionismo, darwinismo, positivismo, entre outros – que assinalam um marco nas concepções de ciência no país (Schwarcz, 1993), conduzindo a uma perspectiva de especialização e profissionalização de técnicos e cientistas. A influência científica fica patente particularmente no esforço da formação de profissionais capacitados. Neste mar de teorias, inclusive raciais, que defendiam a noção de atraso científico, progresso, e que o negro fosse inferior ao branco, é que Sampaio se afirma enquanto engenheiro/cientista bem sucedido e homem de cor, comprando a alforria de pelo menos dois de seus irmãos. Relatando em seus escritos, momentos igualmente importantes para a História das Ciências no Brasil, assim como memórias do confronto pessoal entre o homem de ciências – engenheiro e o homem de cor – negro/mulato.

Neste contexto, o estudo de Personagens e Instituições Científicas lança luz sobre as relações sociais estabelecidas entre os cientistas e a população durante o século XIX e início do século XX. A obtenção de novas fontes e a análise histórica das atividades científicas e de sua institucionalização impulsiona a busca de novos parâmetros na reavaliação da produção científica, realizada antes do século XX, levando em consideração o contexto histórico social em que se desdobram suas relações com o desenvolvimento regional (DIAS, SANTANA, 1999).

O levantamento de documentos realizado no arquivo Teodoro Sampaio, no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, nos fornecem uma idéia da postura adotada por Sampaio concernente aos discurso ideológicos do período, onde o evolucionismo, o positivismo e o social -

darwinismo são adotados como justificativa para se tentar transformar a composição etno - racial brasileira, expondo como os intelectuais brasileiros de meados e fins do século XIX adaptam tais teorias ao contexto nacional.

Para Lilian Schwarcz (1993), a reconstrução da história dos centros onde se praticavam ciências no Brasil indica como os discursos ali realizados influenciavam na construção da imagem da nação brasileira, pelos estrangeiros e pelos brasileiros, e de como tal imagem perpassa o imaginário dos “*profissionais de ciencia*” e dos “*homens de letras*” funcionando como justificativa para a noção de atraso que se tinha, em relação à Europa. Teorias onde o problemas da origem e evolução do homem, serviram de justificativa para a escravidão e a exploração, bem como explicação para as diferenças humanas.

Podemos perceber a permanência do discurso social – darwinista ainda em 1955, quando em homenagem ao centenário do nascimento de Teodoro Sampaio, José Romão da Silva produz uma biografia do homenageado:

“Era mulato ‘carregado’. Pelo lado materno provinha de africanos. Sua mãe, uma preta de nome Domingas da Paixão, fora escrava do Visconde de Aramaré, (...) era um belo tipo de mulher negra, (...) O que mostra ter havido seleção eugênicaⁱ e estética de pagens, mucamas e molecas para o serviço doméstico – as negras mais em contato com as brancas das casas grandes; as mães de mulatinhos criados em casa – muitos dêles futuros doutores, ‘bachareis e até padres’” (Revista do IGHB, 1955, 30-1)

Este discurso dominante entre os intelectuais brasileiro, também é explicitado nas falas de Teodoro sobre o índio, onde termos que tem origem nos discursos raciais são utilizados nos relatos de sua viagem pelo rio São Francisco e em outras descrições dos povos indígenas:

*“ No Brasil nem sequer a língua dos povos primitivos totalmente desapareceu [ainda]ⁱⁱ. Nos seus vastissimos sertões, ainda existem numerosos representantes das nações selvagens que outrora o possuíram. Entretanto vamos seguindo a mesma trilha que cedeu ao irreparável e iniquo esquecimento que fose pelo desprezo ou ingratidão de filhos desnaturados que envergonham diante do que lhes recorda o rude nascimento”.*ⁱⁱⁱ

Fica claro seu posicionamento e adoção das teorias raciais do período no trecho do documento “*A figura simbólica da Bahia. No monumento commemorativo do 1º Centenario da Independencia Nacional em 1922.*”^{iv}

“(...)

No lento e ininterrupto caldeamento das tres raças que aqui convivem, o typo prevalescente ainda é o do porvir e só o teremos definitivo quando a fusão se completar num todo seleccionado sob a acção desse meio tropico em que vivemos.

O Brazil é um immenso laboratorio humano cuja capacidade está bem longe de ser attingida.”

Teodoro, a “*eminência parda*”^v, tinha um interesse especial pela língua indígena, contudo não esteve a parte dos movimentos sociais de sua época como a luta pela abolição da escravidão que era-lhe algo íntimo, pois tinha ainda irmãos escravos.^{vi}

A documentação fornecida por Teodoro Sampaio sobre o processo de abolição da escravatura, permite-nos conhecer como se concretizou este importante acontecimento nacional pelo prisma de alguém que tinha profundo interesse na libertação dos escravos. Em seus discursos desvelou como este processo aconteceu na Bahia:

“Firmava-se então no braço escravo todo edificio economico da nação, e dizer isso meus senhores, n’uma época em que a idéa abolicionista já campeava triumphante no mundo inteiro, com excepção única do nosso paiz, agricultor sem nenhum outro apoio nas industrias,

(...)

Era uma nova era que se abria de concessões amplas as idéas liberaes e de reforma nos processos administrativos. A idéa da emancipação do elemento servil ganhava sua primeira victoria com a lei dos nascituros de 28 de Setembro de 1871, a campanha parlamentar de mais de extraordinarias proporções de que há memória nos nossos annaes politicos.

As revoluções do liberalismo exaltado, que foram até a ensanguentar o solo patrio, tinham fechado já o seu cyclo de sangue. O escravismo agora abalado nos seus fundamentos, não ousou contudo reabril-o. A lucta travava-se no terreno das idéas.”^{vii}

A organização de alguns membros da elite baiana em defesa do abolicionismo, gerou órgãos de propaganda, como a "Gazeta da Tarde" e a "Libertadora Bahiana", periódicos que disseminaram a causa na cidade de Salvador. Seus relatos, nos fornecem sua imagem enquanto defensor da abolição e a real situação social do desejo de permanência do sistema escravista por parte dos senhores.

A discussão em torno dos castigos, principalmente dos açoites, assim como a escravidão do índio e do negro, não é um tema tratado apenas por Teodoro; o autor Luis Anselmo da Fonseca, contemporâneo e interlocutor de Teodoro Sampaio, em seu livro "A Abolição, O Clero e A

Escravidão"(1887), relata que os escravos, na maioria das vezes, não eram tratados como seres humanos e discute o papel apenas aparentemente cristão da igreja, que fechava os olhos à escravatura.

“A nossa religião é na mor parte um systema de supertições e de abusos anti-sociaes; o nosso clero na maior parte ignorante e corrompido, é o primeiro que se serve dos escravos, e os accumula para enriquecer pelo commercio e pela agricultura, e para formar muitas vezes, com as desgraçadas escravas, um harem musulmano.

(...)

A escravidão é a negação da justiça. (...) Ora, que justiça pode haver na escravidão, quando ella faz de um homem meio para outro homem, reduz aquele a um instrumento passivo d’este, e quando o senhor se apodera pela violencia da liberdade, da pessoa, dos direitos, da força, do poder, do tempo, da saúde, do sangue, e da vida dos escravos?.” (Fonseca,1887;33,97)

Ambos os autores criam numa solução social vinda de um processo educativo para o povo, sendo que, Fonseca parece não creditar o estado de ignorância do povo brasileiro às teorias geográficas e climáticas. Seguindo o paradigma das teorias raciais, no entanto, Teodoro Sampaio e Luis Anselmo da Fonseca atribuíam à escravidão o atraso no desenvolvimento brasileiro. Segundo Schwarcz (1993), tal justificativa positivista marca todo o período entre meados do século XIX e início do século XX.

O ideal de branqueamento da nação foi uma teoria bem aceita não só no Brasil, mas em todos os países “atrasados” científica e economicamente. A mestiçagem funcionou como justificativa deste ideal, pois segundo estudiosos do período, os mestiços eram indivíduos “*híbridos, deficientes em energia física e mental*” (Schwarcz, 1993). Para estes, o desenvolvimento só aconteceria quando o Brasil embranquecesse. Este tipo de pensamento fortaleceu a barreira já existente à mobilidade social.

O negro, mesmo liberto, permanecia à margem da sociedade, era um indivíduo legado à pobreza e à discriminação. Contudo, com a vinda da Família Real para o Brasil, o incentivo ao desenvolvimento científico abriu portas para que a vida social brasileira, e principalmente a nordestina saísse da concentração nas Casas Grandes e nas fazendas interioranas e passasse a ocupar largo espaço nos centros urbanos. A sociedade passava dos senhores de engenho a seus netos donos de sobrados. Intelectuais, em sua maioria brasileiros que foram estudar fora do país, que abriram um relativo espaço à possibilidade de ascensão do mulato.

O estigma do negro ainda prevalecia. Contudo, o mulato filho de homens brancos com mães negras, nos casos mais frequentes, principalmente nos casos de receberem educação formal,

possibilitava sua entrada na “sociedade branca”. Este processo, no entanto, tornava-se uma aculturação, uma vez que há assimilação de valores e do pensamento científico. Teodoro Sampaio é um desses casos. Segundo Lima:

“ ... a sua competência profissional levou-o a associar-se a pessoas e grupos de influências . Além desse mérito, a facilidade de assimilar os valores da classe dominante foi um dos fatores relevantes no seu processo de ascensão social. A sua visão de mundo não era de um descendente de escravo, e sim, a de um indivíduo ajustado nos interesses daquela classe.

Para ser aceito como homem negro, Teodoro Sampaio cobriu com o manto do silêncio uma questão que lhe era íntima.

Sendo negro, viveu como branco, pois era aquele o seu mundo”.(1981,61)

A discussão sobre o conceito de negro e de mulato torna-se pertinente no instante em que a sociedade daquele período realiza distinções entre o negro africano e seus descendentes, e o mestiço mulato. Sendo ao primeiro vetado a participação na vida social dominante, enquanto que ao segundo havia um respaldo para sua existência entre os brancos: tem um pai ou mãe branco e seus descendentes serão mais brancos ainda.

A marca destas teorias torna-se perceptível no discurso de Teodoro quando este realiza estudos sobre os índios e os trata como selvagens, quando uma tez branca chama-lhe a atenção. Seu discurso corresponde ao seu mundo branco.

Em contraponto as teorias raciais, como criam os "profissionais de ciência", a trajetória social e econômica de Teodoro Sampaio e de outros homens de cor rejeita os parâmetros estabelecidos pelas teorias herdadas dos europeus.

A vida de Teodoro Sampaio se apresenta não como um produto do meio, mas como um agente dos processos históricos por ele vivido. Percebemos que Teodoro não se conformou com o status de escravo que ele possuía. Alcançando a liberdade e tendo acesso a educação institucionalizada, Sampaio luta por sua sobrevivência pois aos 15 anos fez-se “*mestre para prover à subsistência e pagar os próprios estudo*” (Revista do IGHB, 1955,32).

As pesquisas realizadas, até o presente momento fornecem-nos entendimento maior de como a ciência do período se relaciona com a sociedade, pois esta se torna produto de exigências e necessidades sociais, e de como a sociedade é construída e transformada por teorias científicas. As relações entre Antropologia e História das Ciências tornam-se mais estreitas quando da necessidade de se delimitar, dentro da concepção do período, o conceito de negro e mulato. A relação entre a Igreja e a escravidão, também se nos oferecem novas perspectivas de entendimento para a formação da identidade nacional.

Constituindo uma excelente representação da mentalidade e transformações pela qual a sociedade brasileira – tanto os intelectuais como a população que não tinha acesso aos centros de ensino e pesquisa – passava, Sampaio exemplifica como se davam as relações entre ciência e História.

NOTAS:

ⁱ O termo eugênica procede de eugenia (eu = boa, genus =geração). Segundo Schwuacz (1993) a eugenia era uma prática avançada do darwinismo social, que tinha por objetivo intervir na reprodução das populações pois buscava uma eliminação de raças inferiores, e a constituição de “raças puras”, condenando a miscigenação racial.

ⁱⁱ O trecho entre chaves é uma revisão feita pelo autor no documento manuscrito. Procuramos seguir as transcrições o mais fielmente possível.

ⁱⁱⁱ Este trecho foi retirado de um manuscrito de Teodoro Sampaio de 1901.

^{iv} O documento data de 13/07/1919, Bahia.

^v Gilberto Fryre utiliza este termo para caracterizar a pessoa de Teodoro em O centenário de Teodoro Sampaio, da Revista do IGHB, de 1955.

^{vi} Em Anexo cópia da carta de alforria do escravo Mathias, irmão de Teodoro.

^{vii} Trecho retirado do documento: “Discurso pronunciado no IGH, na sessão solenne de aniversario de sua fundação.”

Referências Bibliográficas:

- ALFONSO – GOLDFARB, Ana Maria. “*O que é história da Ciência*”. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. “*Uma introdução a História*”. 4º ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- DANTES, Maria Amélia (org). “*Espaços da Ciência no Brasil: 1800-1930*”. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz,2001.
- DIAS, André Luís Mattedi; SANTANA, José Carlos Barreto de. “*Linha de Pesquisa em História das Ciências no Brasil com ênfase na Bahia*”. Proposta de Linha de Pesquisa, Feira de Santana: DEXA/UEFS,1999.
- FIGUEIRÔA, Silvia F. “*Um olhar sobre o passado: História das Ciências na América Latina*”. Campinas, SP : Editora da UNICAMP; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.
- FONSECA, Luis Anselmo. “*A escravidão, o clero e o abolicionismo*”. Bahia: Imprensa Econômica, 1887.
- FREYRE, Gilberto. “*Casa Grande e Senzala*”. 18º ed. Rio de Janeiro : J. Olympio , 1977.
- LIMA, Arnaldo R. *Teodoro Sampaio: sua vida e sua obra*. Salvador: UFBA, 1981.
- MATTOSO, Kátia de Queirós. “*Família e Sociedade na Bahia do Século XIX*”. Trad. James Amado. São Paulo: Currupio; [Brasília]: CNPq, 1988.
- PANG, Eul-Soo. “*O Engenho Central de Bom Jardim na economia baiana (1875-1891)*”. Rio de Janeiro, MJ / AN / IHGB, 1979.

- PESTRE, Dominique. “*Por uma nova História Social e Cultural das Ciências: novas definições, novos objetos, novas abordagens*”. Cadernos IG/ UNICAMP. Campinas: UNICAMP, v. 6, nº 1, p.1-56, 1996.
- PIERSON, Donald. “*Branços e pretos na Bahia*”. São Paulo: Cia. Editorial Nacional, 1971.
- SAMPAIO, Teodoro. “*O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina*”. SP: Cia das Letras, 2002.
- SANTANA, José Carlos Barreto. “*Ciência e Arte: Euclides da Cunha e as Ciências Naturais*”. Feira de Santana: UEFS, 2001.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. “*O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questões sociais no Brasil (1870-1930)*”. São Paulo: Cia das Letras, 1993.